

O RELIGIOSO EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS E SEU APORTE PARA A AULA DE ENSINO RELIGIOSO

THE RELIGIOUS IN GRANDE SERTÃO: VEREDAS
AND THEIR CONTRIBUTION TO THE CLASS OF RELIGIOUS EDUCATION

Roseane do Socorro Gomes Barbosa^(*)

RESUMO

Um grande desafio para o professor de Ensino Religioso encontra-se, sobretudo, na falta de Parâmetros Curriculares Nacionais que o ajudariam a definir os conteúdos desse componente curricular. Na tentativa de suprir essa falta, o Fórum Nacional Permanente de Ensino Religioso propôs ao Ministério da Educação um modelo de PCNER, o qual, embora não tenha sido oficializado pelo MEC, constitui-se na mais importante diretriz para o Ensino Religioso. Além das orientações contidas nos PCNER o professor de Ensino Religioso conta com o apoio de diferentes linguagens que lhe permitem desenvolver o conteúdo da sua disciplina. Entre essas linguagens encontra-se a literatura que aborda alguns elementos das tradições religiosas, e trazem consigo um rico universo simbólico e cultural. Neste texto propomos estabelecer a aproximação entre literatura e Ensino Religioso a partir da obra *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa. Nosso objetivo é elucidar que a leitura de uma obra literária pode se constituir como um recurso pedagógico a ser utilizado nas aulas de Ensino Religioso. Pois, desse universo é possível perceber a cultura religiosa aí presente, e a partir dela, trabalhar esses elementos como conteúdo de Ensino Religioso.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino Religioso. Religião. Literatura. Linguagens.

ABSTRACT

One of the greatest challenges that face the Religious Education teacher is above all the lack of National Curricular Parameters that would help him to define the contents of this curricular element. In an attempt to overcome this failure, the Permanent National Forum of Religious Education has suggested to Ministry of Education a PCNER model, which although not made official by MEC, makes up the most important guideline for Religious Education. Besides the indications present in the PCNER, the Religious Education teacher relies on the support of different languages that allow him to develop the content of his discipline.

^(*) Mestranda no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É bolsista Capes. Trabalha na direção de redação da *Diálogo – Revista de Ensino Religioso*, publicada por Paulinas Editora. E-mail: roseanegbarbosa@yahoo.com.br

Among these languages we find the literature that approaches some elements of the religious traditions, which afford a rich symbolic and cultural universe. In this paper we intend to establish an approach between literature and Religious Education taking as starting point Guimarães Rosa's work Grande Sertão: Veredas. Our goal is to elucidate that the reading of a literary work can constitute a pedagogical resource to be used in Religious Education classes. In fact, from this universe on, it is possible to uncover the religious culture present therein and from there to work out these elements as content of Religious Education.

KEYWORDS: Religious Education. Religious. Literature. Languages.

INTRODUÇÃO

O uso de recursos pedagógicos tais como filmes, obras literárias e de arte, é algo que o professor de Ensino Religioso deve fazer com certa atenção, pois não será o uso de tais recursos que vai garantir o aprendizado. Além desse cuidado, o uso dos diferentes recursos requer do professor certa habilidade e preparo não só em relação a sua utilização, mas, sobretudo no domínio dos conteúdos, a fim de que esses possam ser assimilados pelos educandos.

As diferentes linguagens se constituem em eficazes recursos pedagógicos, pois tornam as aulas mais dinâmicas e prazerosas. Contudo, a utilização de outras linguagens, exige planejamento e clareza dos objetivos a serem atingidos, pois não é o fato de usar ou não, algum desses recursos, que irá garantir a assimilação dos conteúdos.

As linguagens são importantes, porém mais importante que o domínio técnico, é o conhecimento que o professor deve ter, tanto do conteúdo, quanto da ferramenta através da qual ele desenvolverá o tema a ser estudado. O educando em seu processo de aprendizado não deve apenas assimilar conteúdos, estes também necessitam passar pela experiência, pois o ato de aprender acontece na mútua relação entre o objeto e a experiência que se faz com ou do objeto.

No intuito de viabilizar essa relação entre o objeto (a religião) e o educando é que propomos estabelecer a aproximação entre literatura e Ensino Religioso a partir da obra *Grande Sertão: Veredas*, a fim de percebermos no texto a cultura religiosa aí presente, e a partir dela, trabalhar esses elementos como conteúdo de Ensino Religioso. Para atingirmos esse objetivo retomaremos alguns pontos do processo histórico da disciplina, bem como o que recomendam as legislações e os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso (PCNER) em relação ao conteúdo do Ensino Religioso.

UM ESTRANHO NO NINHO

O Ensino Religioso como um componente da educação não é um elemento estranho, pelo contrário ele sempre esteve presente no âmbito escolar. Segundo Oliveira, desde a colonização, quando “coube aos representantes eclesiásticos da Companhia de Jesus, por delegação da Coroa Portuguesa, a ‘educação’ dos habitantes do território em processo de conquista, pelo exercício da catequese e instrução” (OLIVEIRA, 2003, p. 30), a educação religiosa passou a integrar a formação. É claro que neste processo o ER¹ nem sempre foi compreendido da mesma forma, pois originalmente ele foi inserido no desenvolvimento educacional como educação religiosa, e atualmente ele é entendido como o estudo da religião e suas manifestações culturais. Essa é a principal ambivalência do ER, que ora foi entendido como um elemento da religião no âmbito escolar, ora foi considerado área de conhecimento independente de uma religião específica.

Cabe esclarecer que Ensino Religioso e educação da religiosidade, muitas vezes são termos entendidos como intercambiáveis. O que é um grande equívoco, pois o primeiro concentra-se no fenômeno religioso abarcando os aspectos históricos, sociais e culturais das diferentes religiões, enquanto que a educação religiosa se fundamenta na sistematização, ou melhor, na transmissão de valores e crença, de uma determinada igreja. Desse modo, não cabe falar de um Ensino Religioso cristão, budista, islâmico ou de qualquer outra tradição religiosa, pois no ambiente escolar não se ensina a religião “A” ou “B”. Contudo, podemos falar de uma educação religiosa referente a toda e qualquer Tradição Religiosa, uma vez que estas podem e devem legitimamente oferecer aos seus adeptos os seus ensinamentos de fé, porém dentro de seus próprios espaços.

O Ensino Religioso escolar foi reconhecido na Constituição de 1988 como uma das áreas de conhecimento que compõem o currículo da formação básica. Todavia, apesar de ter sido assim legitimamente constituído, ainda não há um consenso, tanto no que se refere à liceidade de sua presença no currículo, quanto à natureza de seus conteúdos. Outra dificuldade que o Ensino Religioso enfrenta é a falta de parâmetros curriculares provenientes do Ministério da Educação e Cultura, de modo a conceder a este componente curricular um conteúdo programático e unificado de Norte a Sul do Brasil.

¹ A partir deste momento, todas as outras abreviações ER significam, salvo indicação contrária, ensino religioso.

Sem sombra de dúvida o maior entrave que o Ensino Religioso ainda enfrenta encontra-se na própria legislação. Afirma a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.475/1997:

Art. 33. O Ensino Religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.

§ 1º Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do Ensino Religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores.

§ 2º Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso.

Da forma como se encontra redigido o texto da LDB evidencia-se os seguintes pontos: Primeiro é que na lei há margem para que se possa conceber o Ensino Religioso como elemento religioso presente no âmbito escolar, pois afirma que para definir o conteúdo dessa disciplina é necessário que se consulte uma entidade “constituída por diferentes denominações religiosas”. O segundo ponto é decorrente do primeiro, e se encontra no fato de não especificar o que se entende por “denominação religiosa”, dessa forma a lei deixa uma abertura para que as Igrejas, indiretamente, possam incluir o aspecto confessional conforme os interesses de tais instituições que estejam por trás das associações.

Por fim, pode-se concluir que nos termos da lei persiste a compreensão de que a natureza do Ensino Religioso é de domínio das Instituições religiosas o que é um grande equívoco, pois ao se tratar de um componente curricular o domínio é da escola, e, por conseguinte, o Ensino Religioso encontra-se no âmbito da educação. Nesse sentido é que podemos observar a contribuição dos PCNER elaborado pelo Fórum Nacional Permanente de Ensino Religioso (FONAPER) em 1997. Os PCNER projetam o Ensino Religioso no âmbito do fenômeno religioso, ou seja, na esfera da ciência e não da instituição religiosa.

A PONTE NO MEIO DO CAMINHO

Na ausência de Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Religioso, o FONAPER, em 1996, “mediante amplo processo de reflexão sobre os fundamentos históricos, epistemológicos e didáticos” (FONAPER, 2009, p. 7), entregou ao MEC uma proposta de PCNER, publicado pela Editora Ave-Maria em 1997.

Os fundamentos dos PCNER se encontram na leitura antropológica do fenômeno religioso cujos principais objetivos são:

- Proporcionar o conhecimento dos elementos básicos que compõem o fenômeno religioso, a partir das experiências religiosas percebidas no contexto do educando;
- Subsidiar o educando na formulação do questionamento existencial, em profundidade, para dar sua resposta devidamente informado;
- Analisar o papel das tradições religiosas na estruturação e manutenção das diferentes culturas e manifestações socioculturais;
- Facilitar a compreensão do significado das afirmações e verdades de fé das tradições religiosas;
- Refletir o sentido da atitude moral, como consequência do fenômeno religioso e expressão da consciência e da resposta pessoal e comunitária do ser humano;
- Possibilitar esclarecimentos sobre o direito à diferença na construção de estruturas religiosas que têm na liberdade o seu valor inalienável (FONAPER, 2009, p. 46-47).

Os critérios acima foram estabelecidos com o objetivo de possibilitar aos educandos o conhecimento da diversidade religiosa, visando formá-los para os valores essenciais ao convívio em sociedade, além de oferecer-lhes informações que os ajudem a analisar o papel das tradições religiosas nas diferentes culturas (FONAPER, 2009, p. 59).

Os PCNER propõem a estrutura e organização dos conteúdos em temas gerais a partir de cinco eixos temáticos: Culturas e Tradições Religiosas; Escrituras Sagradas; Teologias comparadas; Ritos e *Éthos* (FONAPER, 2009, p. 49-50). Essa estruturação que agrupa o estudo das religiões em eixos temáticos, também é proposta pelos PCNER como elementos que devem compor a formação do professor de Ensino Religioso, a fim de que ele tenha uma formação adequada para lidar com esse componente curricular (FONAPER, 2009, p. 43-44). Desse modo se estabelece uma correlação entre a formação e a prática docente no Ensino Religioso.

AS DIFERENTES LINGUAGENS COMO RECURSO PEDAGÓGICO

A partir dos PCNER se tem a possibilidade de inserir no Ensino Religioso outras linguagens, bem como a possibilidade de ler e interpretar o dado religioso com diferentes olhares. As diversas linguagens se constituem em um excelente apoio didático nas aulas do Ensino Religioso, pois “não há necessidade de abordar temas religiosos somente a partir de textos sagrados” (KLEIN, 2012, p.29). Como evidencia os PCNER as abordagens têm como ponto de partida os cinco eixos temáticos, de modo que é possível “estabelecer conexões antropológicas, existenciais e interdisciplinares a partir de interfaces entre o Ensino Religioso e a Literatura, a Música, o Cinema, as Artes e outras expressões” (KLEIN, 2012, p.30).

É importante considerar que, ao preparar uma atividade, o professor deve ter em vista o modo de como abordar alguns conteúdos. Segundo Junqueira a abordagem é tão significativa quanto o próprio conteúdo, “pois a atitude de uma pessoa diante do fenômeno religioso não é, apenas, o resultado de conhecimentos e racionalização, muito menos exclusivamente de perspectiva pedagógica” (JUNQUEIRA, 2002, p. 106-107), é também expressão cultural. Desse modo, o conteúdo do Ensino Religioso pode ser introduzido através da letra de música, por cenas de filme, da narração de história ou um mito, de cartazes, trechos de livros entre outras técnicas que a imaginação do educador puder criar. Por meio destas linguagens é indispensável:

Focalizar os fundamentos humanos da questão religiosa, isso deve ficar evidente na nossa linguagem. Em outras palavras: temos que usar os recursos de comunicação que tocam mais contundentemente a dimensão humana, em especial a linguagem dos artistas de todos os tipos e das ciências humanas. (JUNQUEIRA, 2002, p. 109).

Usar outras linguagens como apoio didático não é tão simples como parece, pois não é só trazer para sala de aula um vídeo, ou pedir que os alunos realizem alguma pesquisa e apresentem-na criativamente. Lançar mão de outros recursos que não sejam de uso habitual, requer do professor certa formação e preparo que o habilite não só quanto à utilização dos recursos pedagógicos, mas também no domínio do conteúdo para que, direta ou indiretamente, este possa contribuir com o Ensino Religioso.

Vale lembrar que ao se introduzir uma nova linguagem em sala de aula, faz-se necessário uma transposição didática de uma linguagem a outra. Ou seja, não é suficiente assistir a um filme, ler uma obra literária ou qualquer

outro recurso, é preciso retomar os elementos contidos no material utilizado, de modo a evidenciar o que é essencial entre outros aspectos. Ao optar por um recuso didático é necessário preparar-se e preparar os alunos, a fim de que haja compreensão dos objetivos, bem como da atividade e do conteúdo a ser apreendido.

ALGUMAS QUESTÕES QUE ANTECIPAM A LEITURA DO TEXTO

Antes de destacarmos os elementos da religião na obra de Guimarães Rosa, pontuamos neste universo simbólico e literário criado em *Grande Sertão: Veredas* alguns elementos que lhe são relacionados e o modo de como trabalhá-los nas aulas de Ensino Religioso.

No que diz respeito à narrativa, o leitor, ao se deixar envolver pela leitura do texto, é introduzido num outro universo, marcado pela dura realidade do sertão e da religiosidade popular. A leitura de *Grande Sertão: Veredas* é bastante exigente, pois não constitui apenas um cenário próprio que Guimarães Rosa retrata nesta obra, mas uma linguagem complexa, permeada de neologismos, termos regionais etc. Entretanto, essa linguagem, aparentemente simples, é sutilmente enganadora, no sentido de que ao leitor distraído pode passar a ideia de algo facilmente compreensível, devido à sua coloquialidade, mas que, no entanto requer muita atenção.

Outro elemento muito interessante é o fato de o leitor ser mais que um expectador diante do texto, na verdade ele torna-se o confidente das narrativas do personagem Riobaldo, pois não é raro perceber que aquelas histórias de jagunço estão sendo contadas para este partícipe. De modo envolvente este assume a atitude de quem muito ouve e pouco ou nada fala. E quando menos se espera o leitor/partícipe se encontra em pleno fogo cruzado contra os “bebe-los”, ou então, sofre as dores de amor por Diadorim que o narrador Riobaldo sente e se lamenta por não poder se entregar a esse amor proibido e reprimido.

A obra é muito extensa e sua compreensão é complexa, desse modo é preferível trabalhar nas aulas de Ensino Religioso com alguns fragmentos, de preferência aqueles nos quais o personagem Riobaldo relembra os ensinamentos de seu compadre Quelemém. Em *Grande Sertão: Veredas* o nome de Quelemém é citado 39 vezes no decorrer da obra e quase sempre ao seu nome está associado um ensinamento acerca de uma conduta considerada correta ou não do ponto de vista da sua religião. Uma vez selecionados estes fragmen-

tos, é interessante identificar alguns elementos que nortearão o uso deste livro no trabalho realizado com alunos a partir do 8º ano. Por exemplo, podem-se analisar os vocábulos do âmbito religioso, tais como espírito, demônio, alma, reencarnação, o bem e o mal, pecado, entre outros e relacioná-los com a religiosidade popular. É importante perceber o contexto em que estes termos são ditos pelo personagem Riobaldo em referência ao seu compadre e estabelecer um paralelo com a religiosidade popular na atualidade, a fim de perceber semelhanças entre a ficção literária e a vida cotidiana na ótica da cultura popular.

Neste artigo analisaremos algumas passagens em que o compadre Quelemém é citado e buscaremos perceber como os seus ensinamentos, ou melhor, as suas orientações religiosas influenciam a concepção que o personagem principal da obra apresenta acerca da religião ou de algum acontecimento que o inquieta e/ou o questiona.

O RELIGIOSO EM *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*

Na aventura pelos gerais de Minas o leitor vai sendo conduzido pelos detalhes contidos nas lembranças de Riobaldo. É nesse ir e vir das lembranças que na narrativa aparecem os elementos religiosos como se nota no seguinte trecho:

A gente viemos do inferno – nós todos – compadre meu Quelemém instrui. Duns lugares inferiores, tão monstro-medonhos, que Cristo mesmo lá só conseguiu aprofundar por um relance a graça de sua sustância alumiável, em as trevas de véspera para o Terceiro Dia. Que lá o prazer trivial de cada um é judiar dos outros, bom atormentar; e o calor e o frio mais perseguem; e, para digerir o que se come, é preciso de esforçar no meio, com fortes dores; e até respirar custa dor; e nenhum sossego não se tem. Se creio? Acho proseável (ROSA, 2001, p. 64-65).

Os elementos da religião são sempre “orientados” pelo compadre Quelemém de Góis ele “*é homem sem parentes, provindo de distante terra – da Serra do Urubu do Indaiá*” (ROSA, 2001, p. 326), que habita na Vereda do Buriti Pardo, e segue a doutrina do espiritismo kardecista. O espiritismo é um aspecto da religiosidade presente em *Grande Sertão: Veredas*, mas não é o único elemento religioso que aparece no texto.

É sob as orientações desse “guru” que Riobaldo se põe a buscar resposta para a grande questão que tanto lhe inquieta a alma e os pensamentos: O diabo existe ou não existe? Em alguns momentos Riobaldo parece estar convicto de que a resposta a tal pergunta é não, e isso deveria ser determinado por lei:

O que devia de haver; era de se reunirem-se os sábios, políticos, constituições gradas, fecharem o definitivo a noção – proclamar por uma vez, artes assembleias, que não tem diabo nenhum, não existe, não pode. Valor de lei! Só assim, davam tranquilidade boa à gente. Por que o Governo não cuida?! (ROSA, 2001, p. 31).

Entretanto, Riobaldo percebe que essa determinação não bastaria, pois “ele [o demo] está misturado em tudo” (ROSA, 2001, p. 27). Podemos dizer que, em termos hodiernos, o nosso narrador se depara com a ambiguidade do ser humano: “tudo é e não é... Quase todo mais grave criminoso feroz, sempre é muito bom marido, bom filho, bom pai, e é bom amigo-de-seus-amigos!” (ROSA, 2001, p. 27).

Diante dessa realidade tão ambígua, em que o ser humano vive e dentro da qual ele também é um ser de ambiguidades, Riobaldo percebe que é preciso precaver-se por todos os lados em termos de “religião”, de modo a não ser pego de surpresa, afinal um bom jagunço está sempre vigiando e reza para todos os santos, pois proteção nunca é demais como diz o nosso narrador:

Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só, para mim é pouca, talvez não me chegue. Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as preces de compadre meu Quelemém, doutrina dele, de Cardéque. Mas, quando posso, vou no Mindubim, onde um Matias é crente, metodista: a gente se acusa de pecador; lê alto a Bíblia, e ora, cantando hinos belos deles. Tudo me quieta, me suspende. Qualquer sombrinha me refresca. Mas é só muito provisório. Eu queria rezar – o tempo todo. Muita gente não me aprova, acham que lei de Deus é privilégios, invariável (ROSA, 2001, p. 32).

E a vida de jagunço é algo que necessita muita prudência no modo de pensar e de agir, pois não se deve matar por matar, porque todas as ações de má natureza trazem consigo uma reação correspondente. Em outras palavras Riobaldo chama essa ação causa/efeito de castigo de Deus que atinge não só aquele que praticou o mal, mas também a quem esse está vinculado. Tal afirmação aparece na narração do caso de um homem residente “a légua do Passo do Pubo, no da Areia” chamado Aleixo que matou um velhinho só por “graça rústica”. Entretanto, o “castigo” por causa desse ato de Aleixo recai sobre seus filhos, três meninos e uma menina, que em decorrência de complicações de sarampo perderam a visão. Embora, Riobaldo veja nesse fato um castigo a Aleixo por sua maldade, ao mesmo tempo tal fato também é compreendido como “mediação” para a mudança de vida de Aleixo. Diríamos que este se “converte”:

O Aleixo não perdeu o juízo; mas mudou: ah, demudou completo – agora vive da banda de Deus, suando para ser bom e caridoso em todas suas horas da noite e do dia. Parece até que ficou o feliz, que antes não era. Ele mesmo diz que foi um homem de sorte, porque Deus quis ter pena dele, transformar para lá o rumo de sua alma. Isso eu ouvi, e me deu raiva. Razão das crianças. Se sendo castigo, que culpa das hajas do Aleixo aqueles meninotinhos tinham?! (ROSA, 2001, p. 28-29).

“Por todo o mal, que se faz, um dia se repaga, o exato” afirma Riobaldo, que é um aprendiz de seu “mestre/guru” Quelemém, contudo é alguém que ouve as orientações de seu compadre, mas que também tira as suas próprias conclusões e que as vezes diferem das de seu compadre: “Às vezes não aceito nem a explicação do Compadre meu Quelemém”. Mais do que uma relação entre quem ensina e quem está disposto a aprender, essa é uma experiência de caminhar junto respeitando os passos que o outro pode dar. É confiante nas palavras esclarecedoras de seu velho amigo e compadre que Riobaldo se convence que “se tem alma, e tem, ela é de Deus estabelecida, nem que a pessoa queira ou não queira. Não é vendível” (ROSA, 2001, p. 41). Cabe aqui perguntar se não seria essa uma resposta a pergunta que Riobaldo faz a si mesmo sob a suspeita de ter feito um pacto com o demônio? Como poderia Riobaldo “vender” sua alma, uma vez que essa não é sua, mas de Deus?

É assim que pouco a pouco as inquietudes do nosso narrador Riobaldo vão sendo apaziguadas pelas respostas buscadas e encontradas com a ajuda e o incentivo do compadre Quelemém de Góis.

Compadre meu Quelemém, muitos anos depois, me ensinou que todo desejo a gente realizar alcança – se tiver ânimo para cumprir, sete dias seguidos, a energia e paciência forte de só fazer o que dá desgosto, nojo, gastura e cansaço, e de rejeitar toda qualidade de prazer. Diz ele; eu creio. Mas ensinou que, maior e melhor, ainda, é, no fim, se rejeitar até mesmo aquele desejo principal que serviu para animar a gente na penitência de glória. E dar tudo a Deus, que de repente vem, com novas coisas mais altas, e paga e repaga, os juros dele não obedecem medida nenhuma. Isso é do compadre meu Quelemém. Espécie de reza? (ROSA, 2001, p. 169).

E pouco a pouco no desenvolvimento da narrativa o próprio Riobaldo constata, viver é negócio muito perigoso, pois sempre se tem algo de bom e de mal dentro de si, mas quando se encontra alguém como o compadre Quelemém que orienta e ensina aquilo que é bom e/ou mal, os perigos vão diminuindo.

É certo que cabe àquele que se deixa conduzir ter as suas próprias conclusões. Viver é também uma grande aventura, semelhante a que Riobaldo

viveu durante seus tempos de jagunço, e que agora ao se encontrar de “range rede” põe-se a lembrar e gostar de especular ideias.

CONCLUSÃO

O caminho percorrido até chegarmos a uma legislação referente ao Ensino Religioso no Brasil sempre olhou para este componente curricular como sendo o elemento da religião presente na escola. Num caminho inverso, vários movimentos, entre os quais se encontra o FONAPER, que por meio dos PC-NER buscou evidenciar que o Ensino Religioso não está vinculado a nenhuma religião em particular, desse modo a estruturação de seu conteúdo do Ensino Religioso a partir dos cinco eixos possibilita a inserção de outras linguagens tais como a literatura, o cinema, a arte entre outras, nas aulas de Ensino Religioso.

Com base nos cinco eixos temáticos é possível introduzir o uso de diferentes linguagens a fim de expor o conteúdo do Ensino Religioso. Expusemos uma aplicação na obra de João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, de como o Ensino Religioso pode fazer uso da literatura. E assim como o personagem Riobaldo encontrou, na figura de seu compadre Quelemém, alguém que lhe orientasse na compreensão da religião, igualmente o professor de Ensino Religioso pode introduzir os seus alunos no conhecimento do Fenômeno Religioso a partir de obras literárias e de outras linguagens.

Por meio de *Grande Sertão: Veredas* o professor pode resgatar elementos da cultura popular, que atravessam a obra do começo ao fim, bem como é possível pontuar os traços da religiosidade popular presentes no texto. Outro viés da leitura, tendo em vista o estudo das religiões a partir do Ensino Religioso, consiste em observar como no texto o espiritismo e o catolicismo popular se misturam de forma que, em alguns trechos da narrativa, os elementos destas duas religiões parecem ser equivalentes, o que pode se tornar uma das chaves de leitura.

As diferentes linguagens, em particular a literatura, têm muito a contribuir com o Ensino Religioso, sobretudo pelo universo simbólico e cultural no qual a religião é apresentada. O desafio que permanece para o professor de Ensino Religioso é não se limitar ao que já está predeterminado como recurso didático e buscar nos textos literários os elementos a serem trabalhados pelos alunos. Evidentemente esse trabalho requer, além de conhecimentos da obra, certa habilidade para dela destacar o que pode contribuir com o Ensino Religioso de forma pedagógica, criativa e prazerosa.

REFERÊNCIAS

BRASIL, *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional* nº 9394 de 20 de dezembro de 1996 disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm> acessada em 22.03.2012

BRASIL, *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional* nº 9475 de 22 de julho de 1997 disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9475.htm> acessada em 22.03.2012

CARON, Lurdes (Org.) e equipe do GRERE. *O ensino religioso na nova LDB*. Histórico, exigências, documentário. Petrópolis: Vozes, 1998.

FIGUEIREDO, Anísia de Paulo. *Ensino religioso; perspectivas pedagógicas*. Petrópolis: Vozes, 1994.

FONAPER, *Parâmetros curriculares nacionais: ensino religioso*. São Paulo: Ave-Maria, 1997.

GRUEN, Wolfgang. *O ensino religioso na escola*. Petrópolis: Vozes, 1995.

JUNQUEIRA, Sérgio R. A.; CORRÊA, Rosa L. T.; HOLANDA, Ângela M. R. *Ensino religioso: aspectos legal e curricular*. São Paulo: Paulinas, 2007.

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. *O processo de escolarização do ensino religioso no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2002.

OLIVEIRA, Lilian Blanck de. *Formação de docentes para o ensino religioso: perspectivas e impulsos a partir da ética social de Martinho Lutero*. 2003. Tese (Doutorado em Teologia). Escola Superior de Teologia, São Leopoldo (RS), 2003.

KLEIN, Remí. Uma linguagem para o Ensino Religioso. In: *Diálogo – Revista de Ensino Religioso*, São Paulo: Paulinas, Ano XVII, nº 66, p. 26-30, 2012.

PASSOS, João Décio. *Ensino Religioso: construção de uma proposta*. São Paulo: Paulinas, 2007.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Vêedas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 19ª ed. 2001.

VIESSER, Lizete C. *Um paradigma didático para o ensino religioso*. Petrópolis: Vozes, 1994.

Recebido em 16/08/2012

Aceito em 04/09/2012